



## UMA TEOLOGIA RELACIONAL DA VIDA E SEU SENTIDO

*A Relational Theology of Life and its Meaning*

Rita de Cássia Rosada Lemos \*

**RESUMO:** O estudo aborda a questão da vida em seu sentido na história humana. A civilização pós-moderna coloca sérios desafios à teologia. Um dos mais notáveis é a questão do sentido da vida. A partir da busca do ser humano pelo sentido, a autora apresenta uma concepção da vida em permanente processo de maturação. A vida é chamada continuamente a realizar sua vocação num envolver-se em relações que se revelam plenas de sentido. A segunda parte do artigo relaciona a busca do sentido da vida com saberes científicos numa realidade de mudança de época, à luz de uma presença originária do Sentido absoluto na história humana. A meta é dizer que a fé cristã atesta que a existência tem seu fundamento na relação pessoal com Deus, que faz da relação o lugar da integração do ser pessoa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vida. Ser humano. Sentido da vida. Relação. Evolução.

**ABSTRACT:** This study treats the question of life in terms of its meaning in human history. Postmodern civilization poses serious challenges to theology, one of the most notable being the question of the meaning of life. Beginning with the human search for meaning, the author presents a conception of life as a permanent process of maturing. Life is continually

---

\* Professora de teologia sistemática no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Artigo submetido a avaliação em 03.11.2016 e aprovado para publicação em 21.03.2017.

called on to fulfil its vocation to engage in relationships that are full of meaning. The second part of the article relates the search for the meaning of life to scientific knowledge in the context of epochal changes, in the light of an original presence of absolute meaning in human history. The goal is to say that Christian faith attests that existence has its ground in personal relationship with God, which makes relationships the place of integration for being a person.

**KEY-WORDS:** Life. Human being. Meaning of life. Relationship. Evolution.

## *Introdução*

A temática da vida é ampla e abrangente. É uma discussão infindável, condenada a ser antinômica a desembocar sempre na aporia dos conceitos. No entanto, o ilimitado dos discursos, nada mais faz que revelar o infinito que é sua explicitação, seu significado, seu sentido que, justamente, ultrapassa toda narrativa humana. Este estudo reconhece que a linguagem racional humana não esgota o fenômeno ou experiência da vida, quando se constrói dela uma definição. Ao mesmo tempo, tem em vista que a vida tem sido objeto de indagações minuciosas e incessantes, que procuram compreender desde processos de auto-organização e de autocomplexificação do universo, até aqueles da evolução e das inter-relações, dos seres vivos uns com os outros e com o mundo que os cerca.

Com frequência se fala hoje em humanização das relações. Assunto curioso. Tema que está na moda. A pós-modernidade, com a quebra de valores e relativização do sentido, tem excluído, eliminado, ignorado a existência do ser humano.<sup>1</sup> Aparece uma forte separação entre humano e relação, restando um vazio sem palavras e sem brilho. Na perspectiva bíblica este tema está sempre na ordem do dia. Ali, do princípio ao fim, a humanidade e a jovialidade de Deus, criativamente, humanizam relacionando e relacionam humanizando.

Neste ponto, emergem questões frente à afirmação do sentido da vida enquanto convocação para a integração da história humana. Como pensar

---

<sup>1</sup> A pós-modernidade atinge a vida de maneira notável. A identidade do ser humano, até então descrita como unificada e estável, agora, na descrição pós-moderna, ela é, com frequência, adjetivada como fragmentada, composta de várias identidades (HALL, 2001, p. 10-13); mutável conforme as circunstâncias e os interesses. Nesta mesma lógica pós-moderna, homem e mulher têm renunciado à sua autonomia, de modo que o tempo dos objetos determina e delimita o tempo dos sujeitos e das relações intersubjetivas. O ser humano é agora definido como ser de consumo, além de compor uma sociedade consumista (BAUDRILLARD, 2007, 39-47).

um sentido na história sujeita a contínuas mudanças? Qual a relevância da busca por um sentido perante uma civilização pós-moderna, se o ser humano já está submerso em um emaranhado de propostas de sentido no horizonte da imanência? Qual o sentido mais verdadeiro de estar em relação? Como pensar, concomitantemente, a vida do ser humano e do cosmos, lida à luz da ideia científica de evolução, em fase de gênese permanente, com a fé cristã que anuncia a esperança de ressurreição para o ser humano, para todo o cosmos, nos quais tudo está interligado, como um nó de relações?

O saber fragmentado pós-moderno propicia uma visão da vida forjada na dissociação, no desligamento, no desconectar de relações, que, na prática, segrega a vida. A hegemonia de uma única corrente de pensamento compete com as buscas e aspirações mais profundas no ser humano. Ao excluir o caráter relacional e de abertura, coerente com a existência humana, veta a superação da imanência, e assim rechaça toda ideia de transcendência. A hipótese desta fragmentação entre vida e sentido na história humana é que falta percepção do grito pulsante pelo centro de sentido que irradia e ilumina, e para si atrai toda a vida.

Frente a esta situação, busca-se uma teologia em diálogo, posto pelo menos como possibilidade por pensadores que levem em consideração a vida como realidade de sentido. O irreduzível processo da vida pede uma análise não só teórica, mas reveladora de um modo de ser, relações. As relações mostrar-se-ão como princípio e constituinte de humanização e desvelará o cuidado como modo de co-relacionar com os outros.

## *1 Concepção teológica da vida em seu sentido*

Há quem identifique a vida, a mais digna de ser assumida, como sendo a que cultiva o hedonismo, com suas diversas correntes, ao longo da história. Esta linha de pensamento revolta-se contra outra e vê a corporeidade com desprezo. Os hedonistas, em geral, protestam contra toda forma de repressão, que considere o prazer um mal. No entanto, a absolutização do corpo traz problema, como qualquer absolutização daquilo que é relativo. Quando se deixa de ver o corpo como expressão de interioridade, corre-se o risco de exagerar na animalidade. Sob este aspecto, a vida guiada pelos instintos pode aproximar-se perigosamente à vida dos animais. Mesmo falando de uma busca pelo simples e desinteressado prazer, há que se sustentar que esta não é a melhor expressão da vida. Muita alegria pode haver na ausência do prazer e até na presença da dor.

Outros poderiam identificar a vida com a honra. Buscar a vida nas honrarias significa buscar o reconhecimento de outros para si mesmo. Ora, o

desejo de ser reconhecido, aceito é básico no ser humano. Como tal é um desejo natural e honesto. No entanto, se colocado como centro gravitacional da expressão humana, fracassará igualmente. De fato, a ação praticada a partir da mera expressão do ego, por si só, não tem o horizonte de fazer algo bom, mas de cativar o louvor alheio. Corre-se o risco de que um louvor menos lúcido valorize algo mesmo ilícito, por exemplo. Além do mais, mesmo atingindo sua finalidade, não realiza aquilo que é plenamente humano, também aqui por absolutizar o relativo. De novo faz-se a vida incompleta, insatisfatória, não alcançando seu fim.

De fato, são conhecidas as multiformes teorias que tentam dar conta da natureza da vida, cujo teor muda conforme sejam elaboradas por cientistas, artistas, filósofos. Os lexicógrafos tecem um arcabouço de comparações e divisões nos verbetes que tratam do tema vida. O horizonte teológico parte em primeira instância do dado da Sagrada Escritura, mas também do dado social-cultural, onde a fé se encarna. A fé cristã testemunha que Deus ama a vida, e pelo amor executa o dom da criação na história e da salvação. É para nossa humanidade que Deus toma a iniciativa de comunicar-se e de revelar-se como seu Salvador e Criador. A criação não é fruto do acaso, mas de uma escolha pensada e concebida no amor em vista da humanidade e de todo o cosmos.

A expressão de fé do povo da Bíblia é processual, progressiva. A experiência fundante de ser povo de Deus é a experiência de ter sido liberto da escravidão do Egito. Também, Deus é percebido como o criador que realiza um ato de amor não só para com a humanidade, e que acarreta libertação (Ex. 14). A ação de Iahweh é lida como um ato salvador de seu amor criador, que não abandona suas criaturas, mas caminha com elas, numa relação de gratuidade. A ação amorosa de criar e libertar por Deus suscita questões sobre a origem da humanidade, com a finalidade de integrar a vida em todas suas dimensões. A Economia da salvação é plena. No anúncio de Jesus, Deus é promessa-cumprimento na história humana, sobretudo na proclamação iminente do Reino que irrompe no mundo com o evento Cristo: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Em sua palavra-ação, Jesus propõe de maneira definitiva à pessoa humana a confiança ilimitada no Criador e a certeza de encontrar n’Ele a salvação. O amor de Deus, revelado em Jesus Cristo leva a criação e a história da salvação até sua plenitude. “A união entre a fé no Deus salvador e a fé no Deus criador é realizada mediante uma relação de integração-inclusão, sendo, assim, rejeitada a visão dicotômica” (GARCÍA, 2006, p.117). Na globalidade da ação libertadora de Jesus, nada que se passa no mundo carece de sentido. Ao contrário, tudo está incluído no seu plano de salvação. Tudo tem um significado à luz do projeto divino.

A compreensão da vida seja pela categoria da existência, da evolução ou da diversidade<sup>2</sup> implica análise sob o dinamismo do cuidado reverencial. Esta preocupação que não é nem original, nem recente, nem escassa tem sido objeto de indagações incessantes, que mobilizam o pensamento de todas as civilizações e dando lugar a pluralidade de discursos, com importantes questões éticas, sociológicas, culturais, ecológicas, espirituais.<sup>3</sup> Há que se falar de uma existência humana com sentido, uma vez que há uma pluralidade de imagens de ser humano subjacentes à visão de mundo, às culturas, às experiências e aos projetos, em vista do crescimento daquilo que se quer ser e a um construtivo aperfeiçoamento.

O ser humano pode ser dito melhor como orientação do que definição, no sentido estrito do termo. Cada homem e mulher “é um ser de potencial infinito de fala, um nó de relações voltado para todos os lados”. Na verdade, o ser humano está continuamente em construção. Estar em criação constitui a existência humana. Ele é “um projeto infinito, conatural ao infinito Deus” (BOFF, 1998, p.161). Pelo fato de nós, homens e mulheres, escolhermos, de termos um propósito, tanto vil como altruísta, nossa vida se diferencia. O animal, a pedra e o vegetal estão no mundo, mas são indiferentes, ou antes, passivos, já que recebem seu sentido a partir de sua relação com o humano. O ser humano tem que vivenciar a sua vida.

A vida não é um acaso. O ser humano comprometido com a vida experimenta-a, num processo dinâmico, participativo e inclusivo em que tudo co-existe e inter-existe, com todos os outros seres do universo. Seja quando aclamada, seja quando clamada, a vida revela sua significância para todo ser; em permanente processo de realização. Numa leitura realista, nós humanos, percebemos que estamos numa encruzilhada: ou todos juntos trilhamos o caminho da vida ou todos sentimos cada vez mais os apelos da morte. Como canta Gonzaguinha: *somos nós que fazemos a vida, somos também nós que fazemos a morte*. Por um lado, os avanços científicos e tecnológicos apontam possibilidades de uma melhor qualidade de vida e maior longevidade. Por outro, aprofundam-se as expressões da morte.

---

<sup>2</sup> Quando se fala de diversidade da vida há dois aspectos distintos a se considerar. Muitas das vezes, a palavra diversidade serviu para ressaltar as muitas construções humanas (em termos de cultura, país, cor, língua, sexo, raça, religião, classe social etc.). Tendo este parâmetro a diversidade dos povos é com certeza altamente positiva. Outra seria a diversidade de origem, formação e constituição que acarretaria diversidade de valor. Em nome da diversidade chegou-se a negar a condição de “humano” para alguns povos. Por exemplo, discutiu-se, em certos ambientes, se os povos ameríndios seriam humanos ou se os negros teriam alma.

<sup>3</sup> Danah Zohar e Ian Marshal falam da existência de um terceiro tipo de inteligência, baseada na determinação do Coeficiente Espiritual (QS) o qual pode ser calculado com base em pesquisas. Segundo eles, no cérebro humano, existe uma área que deve ser responsável pelas experiências espirituais, que está sendo chamado Ponto de Deus. Cf. ZOHAR, D.; MARSHAL, I., *QS – Inteligência Espiritual*. Nesta compreensão, existe o risco de reduzir a inteligência espiritual, e com ela a busca de sentido, a um ponto fixo no cérebro, na mera materialidade.



Uma das contribuições da Teologia da Libertação é a compreensão mais ampla da vida, unificando libertação da pessoa ao cosmos. Ela vê a ciência e a tecnologia como parte do projeto de resgate, construção, consolidação e expansão da vida e da liberdade humana. Em se tratando da concepção teológica da vida em seu sentido, essa deverá seguir sempre na trilha, inseparável, fé-vida, mesmo se limitações humanas históricas, vez ou outra, privilegiam uma em detrimento da outra. A história conclama uma compreensão do ser humano inserido em realidades plurais, preche de um futuro de promessa de vida com sentido de plenitude.

### *1.1 O pensar evolutivo sobre a vida*

Na história da humanidade, homem e mulher sempre demonstraram incansável interesse em desvendar os profundos mistérios que envolvem sua natureza existencial. A partir da modernidade, o conhecimento científico e tecnológico tem alcançado êxitos surpreendentes. Esta é uma realidade sedutora, sem dúvida, pois a pessoa não só se torna conhecedora das múltiplas facetas do dinamismo do seu ser e existir, mas, igualmente, dos mecanismos e processos à própria vida, também na sua dimensão material.

A antropologia teológica de outrora, tendo como ponto de partida a tendência antropocêntrica, acentuava a diferença entre as pessoas e os irracionais, bem como a função da pessoa no cosmos. A pós-modernidade, sob o influxo crescente das ciências, cede lugar a uma compreensão não propriamente relacional, mas relativista na qual o ser humano é visto como construtor da história a partir de critérios que ele estabeleça. “A antropologia europeia moderna tomou acriticamente como pressuposto a cosmovisão antropocêntrica moderna, segundo a qual a pessoa é o centro do mundo e que este fora criado por causa da pessoa e em função dela” (MOLTMANN, 1992, p. 271. Grifo do autor).

O antropocentrismo cientificista exacerbado, ao colocar a vida em ritmo de destruição, é insustentável para a reflexão antropológica cristã. Esta suscita e encaminha a uma reflexão que pense a criação em seu todo, em todas as relações. Denuncia uma posição que coloca o indivíduo no centro, o qual ensoberbecido por esta posição individualista coloca tudo sob seu desenfreado desejo de dominar, de ser deus, negando a si próprio. O ser humano não está só, e nem é só criador do mundo. Antes, homem e mulher são convidados à comunhão com tudo o que existe. A antropologia não é propriamente teologia. Seria equívoco pensar numa antropologização da teologia, que tratasse primeiramente de Deus e não do humano. Contudo ela se coloca como fruto de uma sólida teologia.

A teoria da evolução mostra que a vida surge e se desenvolve como um todo, no qual tudo se interpenetra, todos dependem de todos. A emergência da vida humana não é a competição, a afirmação do mais forte ou

a simbiose, mas a capacidade de estabelecer inter-retro-relações nutridas pelo cuidado, ternura e esperança com respeito à vida. Como salienta L. Boff, ao falar da evolução:

O propósito da vida não reside na sobrevivência pura e simples, mas na realização das probabilidades e potencialidades presentes no universo; na celebração de emergências novas e na festa da majestade e da beleza do cosmos e dos diferentes seres que nele existem (BOFF, 1998, p. 63).

O pensar evolutivo provoca a ideia de vida em constante movimento. O surgimento da vida e sua evolução biológica inscrevem-se no grande processo de auto-organização e de auto-complexificação do universo. Teologicamente, pode-se dizer que é o ato criador de Deus que continuamente ama e dota a pessoa de Graça.

O francês Edgard Morin, sociólogo e antropólogo, cunhou o termo *antropo-bio-cósmico*. Por ele, Morin quer afirmar uma mudança de leitura do universo, ou seja, uma leitura não mais concebível sob um único princípio de ordem. A nova leitura é constituída pelo jogo dialógico, tetragrama, entre Ordem/Desordem/Organização/Desorganização (MORIN, 1989, p. 384-388). Este novo cosmos, ele explica, é evolutivo.

A história, que de início, era apenas algo inerente às sociedades humanas, tornou-se, no século XIX, inerente à vida. Depois, no século XX, ela se expandiu na totalidade de nosso Universo físico. Doravante, nada do que seja cósmico, físico, biológico, humano pode conceber-se, compreender-se e explicar-se fora do tempo. Nada, a não ser justamente a fonte, a origem o fundamento do nosso universo (idem, p. 384).

Não seria forçado ver aqui cotejos com a espiritualidade, e este autor mesmo nomeia esta ideia. A origem do cosmos pertence à história. Contudo, pela nova teoria, paradoxalmente, espaço e tempo se relativizam. Chega-se então à “ideia aparentemente mística” (idem, p. 384), onde o universo assentado num dualismo de distinções e separações, de coisas e de objetos, de tempo e de espaço, supõe outro tipo de realidade necessária em que nem faz distinção nem separa, mas unifica, relaciona, integra.

Na prática, a evolução se transformou numa “megateoria da cultura ocidental” (HÄRING, 2000, p. 27). Já não se pensa criação e evolução em contradição uma com a outra. Deus não criou um mundo pronto, completo e perfeito. Fez um mundo que fosse capaz de desenvolver-se a si mesmo através dos tempos infintos do universo em contínua transformação, passando constantemente do caos ao cosmos, até a geração da vida que chegou até nós. Vista na ótica de Deus, a criação pertence também ela ao mistério da ‘graça divina’ que permeia o universo e o orienta para o ser humano. Esse dinamismo inscrito por Deus na matéria do universo é chamado por alguns de ‘princípio antrópico’. Essa intuição de origem científica e assumida por alguns em sede filosófica, pode também ser útil

à teologia e, basicamente, com ela, quer-se dizer que o universo existe em vista da vida humana.

O princípio antrópico lê o universo como jogo de forças físicas que possibilitam explicar sua existência. Esta leitura da criação do universo pode ser explicada como um conjunto de ideias, ou seja, a construção da consciência pela qual se diz que ter consciência só é possível porque o universo culmina no ser humano. Não se trata de um novo tipo de antropocentrismo, que colocasse o ser humano de novo em posição absoluta, e sim, de construir uma inteligibilidade que entende o ser humano, que se sabe coordenando, mas dependendo igualmente em uma rede de relações.

Na maneira de Libanio trata-se de uma leitura do universo e da vida em que “a criação é o pergaminho em que Deus escreveu sua revelação” (LIBANIO, 1992, p. 266). Com o progresso da ciência, este pergaminho agora é relido. A criação não só é um elemento da tradição bíblica, para este teólogo, mas também “intuição científica do *princípio antrópico*”. Tudo parece calculado para que um dia a consciência surgisse no universo. Todo o universo existe em vista da vida em geral, e da vida humana, em especial. Dito de outra maneira, esta versão do princípio antrópico compreende que a terra está não naturalmente no centro físico de gravitação, nem o humano está no centro de dominação, mas na terra, o ser humano está no centro de significação. As relações humanas são recolocadas em seu devido diapasão: o humano ocupa um ponto central, mas é visceralmente dependente das complexas e múltiplas relações que ocorrem no universo.

Lee Smolin faz pensar que a vida tem caráter de criatividade e abertura unida à ideia de um universo em evolução. Ele argumenta que

Aquilo então que, com toda certeza, é mais inovador em nossa compreensão moderna da vida é a ideia de evolução, pois esta ideia nos capacita a ver a vida não como um ciclo em eterno retorno, mas como um processo que continuamente gera e descobre novidades. E, pela mesma moeda, o que é mais inovador em nossa cosmologia moderna é a descoberta de que também o universo evolui. Sejam quais forem as descobertas que permaneçam em aberto, as nossas observações nos mostram que o universo surgiu de um estado ao qual ele poderá jamais retornar e, neste caso, cada era em sua evolução, é única (SMOLIN, 1997, p. 143).<sup>4</sup>

Na ótica da Antropologia teológica o conceito de história é central. E nesta sequência há de se entender a centralidade de Cristo no mundo. Esta ótica possibilita a consciência de que o ser humano sempre se orienta a

---

<sup>4</sup> É necessário reconhecer que o tema da cosmologia, embora fundamental, constitui tarefa complexa e mereceria um estudo prolongado, o que não se dispõe aqui e, em consequência, a investigação sobre este assunto será limitada. Para uma leitura proveitosa sobre este tema poderá ser consultada a obra ‘The life of the cosmos’ do físico teórico Lee Smolin.



partir de um lugar, *locus*, de um caminho em que faz uma experiência. Pontuada pelas experiências, a consciência organiza o seu mundo com seus próprios valores. Hierarquiza o tempo e o espaço, e a relações consigo, com o mundo e com Deus. Forma-se, assim, uma cosmovisão, ou seja, uma concepção da existência humana na história. Para o cristão, a cosmovisão é definida a partir da fé bíblica. O apóstolo Paulo deixa claro: “Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher” (Gl 4,4).

A orientação da história concentra-se na revelação em Jesus Cristo. Se em sede filosófica pode-se dizer, via princípio antrópico, que o humano é o centro de significação, pela via da fé, sendo Jesus de Nazaré *o homem* (Jo 13,31; 19,5), é para ele que tudo se volta. Ele é o princípio e o fim da evolução do mundo, seu alfa e seu ômega. Ele é o coroamento do processo de hominização e de humanização. O Cristo ressuscitado é a razão e o alimento de toda esperança. Ele é a promessa-cumprimento, por ele a história não cai num sem-sentido. Com Ele a libertação chegou à história, Ele é a utopia realizada, a esperança acontecida. A vida plena que Jesus inaugura, com sua palavra ação é o presente apontando o futuro e este manifestado dentro do presente.

Mas, não será esta uma cosmovisão simplista ou redundante da resposta humana à fé cristã? Na verdade, não. Simplismo seria supor Cristo inerte, preso no trilho da aceitação de cada pessoa. Isto significa mudar o eixo das coordenadas do crer: a fé seria oferecida só a quem já estivesse predisposto, predestinado. No bojo presente da cosmovisão atual, para que Cristo seja audível ao coração humano, a antropologia teológica deverá orientar-se ao passado, a protologia, que se pergunta pelo sentido de sua existência, simultaneamente, voltar-se para o futuro, a escatologia, que se pergunta sobre o para que a vida. Nela, Deus não é mais o fabricante perfeito de um cosmos que deixa-o funcionar, sem manter com ele qualquer relação, mas Aquele que o leva à perfeição. Esta leitura implica um modo de conceber a relação de Deus com o mundo, não mais como o Totalmente Outro, extrínseco à história humana, nem mais só o Imanente, diluído nas intempéries da vida, mas como seu princípio e fim de sentido. Só nesta perspectiva se pode entender o paradoxo de um Deus transcendente e intimamente presente na obra criada, do qual se originam a vida e o cosmos.

Na esteira de Teilhard de Chardin em sua visão cósmico-crística, L. Boff esclarece que Cristo é o primogênito de toda criação.

O primeiro surgido não é a evolução; primeiro vem Cristo e seu mistério e por causa dele o homem, a vida e o cosmos. Não é o cosmos e o homem que, evoluindo, produziram a Cristo; Cristo produziu o cosmos e o homem mediante as leis da evolução e os atraiu a si (BOFF, 1971, p. 43).

A questão é sempre atual por apresentar o mistério de Deus em sua intenção e sua Revelação. Na intenção de Deus, Jesus-Palavra eterna do Pai-

-Criador é o primeiro na ordem do Ser, e também é o primeiro na ordem do conhecer do plano de Deus. Assim lemos em João “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens” (Jo 1,1-4). Na humanidade de Cristo, “criou-se uma situação que os homens viram: aqui se dá a parusia (vinda) e a epifania (manifestação) do libertador da condição humana na globalidade de suas relações para com Deus, para com o outro e para com o cosmos” (idem, 1972, p. 249).

O mistério de Deus presente na história do ser humano, no cosmo, faz com que toda história seja sagrada. A ordem da intenção de Deus não está reduzida a resposta humana à fé, nem pode ser deduzida da noção humana de Deus, do ser pessoa, ou do universo, pois é um ato livre de Deus. Antes, porém, é ato de Deus que se manifesta pelas criaturas. Da premissa da intenção de Deus, Jesus, o Cristo, é o primeiro na ordem do Ser, e também o primeiro na ordem do conhecer do plano de Deus. É o primeiro princípio de inteligibilidade de todas as coisas: do universo, do ser humano, da graça e da glória.

Na ordem da intenção de Deus, a Palavra se encarna e revela Deus na história. Com Jesus, a história chegou ao seu termo, no lapso entre o *já* da interpretação existencial e o *ainda não* da escatologia. Partir de Cristo, centro e princípio da história, possibilita compreender o sentido dos fatos e das coisas nos momentos da história em sua relação com o todo em Cristo. Por esta ordem da Revelação, traduzida em categorias delimitadas pelo espaço e tempo, Jesus faz compreender sua Palavra de libertação bem mais universalmente. É a libertação como total transfiguração deste mundo todo, humano e cosmos; chamando esta nova ordem de Reino de Deus.

Sob esta ótica, Cristo ocupa o lugar de síntese do processo global da evolução ascendente: a cosmogênese caminha para a antropogênese. Esta, por sua vez, caminha para a cristogênese. A criação boa de Deus não termina no ser humano, mas se orienta, graças a Cristo, para a plena realização do Reino. Da cosmogênese, há a sociogênese, a antropogênese, orientados para a cristificação plena. O pensar a vida pela trilha da evolução compreende que a criação é não somente dom gratuito de Deus, como também criação contínua ascendente e descendente. “A evolução – parece – desemboca na cristogênese como a cosmogênese e a biogênese fazem emergir a noogênese. E isso pela lei intrínseca da evolução” (idem, 1971, p. 17). A partir de seu aspecto histórico ela se prepara e se abre para receber seu significado trans-histórico.

Contudo, o otimismo que transpira desta concepção do mundo e da história humana pode iludir. A história humana não é linear. Ela é costurada pela liberdade frágil e limitada de cada ser humano que constitui

a humanidade. Faz parte da história humana a possibilidade de ruptura do diálogo com Deus, o pecado. Este consiste basicamente na recusa em realizar o próprio projeto histórico em parceria com o outro, como Caim que escolhe tirar a vida (Gn 4,6-9) e com o absolutamente Outro, Deus. No entanto, o otimismo esperançoso jamais fenece, pois mesmo onde o mal parece envolver toda a realidade, a graça de Cristo liberta. O diálogo outrora interrompido retoma-se na nova criação com a resposta humana positiva ao Criador. No espaço e no tempo, a pessoa antecipa pela fé a verdade do mundo que há de vir. Celebra no presente o futuro. “Vi então um céu novo e uma nova terra” (Ap 21,1). A humanidade experimenta-se comunidade da criação, da fraternidade universal, bem como uma comunidade de salvação a partir de Cristo. Assim, se une a protologia e a escatologia. O que veio primeiro como ato criador de Deus e o que será quando o Senhor completar sua obra, conduzindo tudo e todos para a plena realização em Deus.

O pensar evolutivo sobre a vida, portanto, atualiza-se o ser humano como aquele que busca o conhecimento e não se satisfaz apenas com o já estabelecido, porque movido por um Outro que o impulsiona a um horizonte onde habita o Infinito. Esta assertiva pode ser atestada pelo desejo contínuo no homem e na mulher por descobrir, por pesquisar, encontrar, sair de si, celebrar. Outrossim, admitido que o ser humano esteja em constante busca, que suas respostas na realidade abrem-lhe novas questões, que o encontro não esgota sua criatividade, pode-se afirmar que ele e todas as suas relações estão em processo de vir-a-ser.

## *1.2 A vida do ser humano como um nó de relações*

O advento da globalização encurtou distâncias, possibilitou novas relações, globalizou informações, alterou costumes, expandiu mercados, criou novas identidades. Depois dela não se podem mais isolar os conceitos de um grupo, por exemplo, de moradores de pequenas cidades e supô-los totalmente distintos daqueles moradores das grandes metrópoles. O mesmo vale para países e/ou continentes. Vivemos numa aldeia global. Há interferências de todas as direções.

Para L. Boff, este tema é um convite à redefinição do sentido da civilização em um horizonte de um sentido globalizador. Diante da ameaça global ao sistema da vida, este autor parafraseia a máxima moral de Immanuel Kant: “age de tal modo que tu possas querer que a tua ação se torne uma lei universal de conduta”. Fazendo uma mudança categórica “a resposta só pode ser: *viva de tal maneira que não destruas as condições de vida dos que vivem no presente e as dos que vão viver no futuro*” (idem, 2005, p. 67. Grifo do próprio autor). A vulnerabilidade da vida pede atitudes de respeito, veneração e ternura. Cabe ao ser humano instaurar o ‘cuidado’ como cri-

tério de ação, para que todos possam continuar a existir e a viver. Todo o universo se fez cúmplice para que a vida chegasse até o presente. Atitudes que derivam da experiência de Deus e da descoberta do universo, e do coração como Mistério.

Os séculos XVII-XVIII presenciaram a aparição de uma nova compreensão do universo e da relação do ser humano com o mundo. Tal compreensão influenciava a compreensão de Bíblia e a ideia de Deus ligada à visão religiosa da ordem do mundo. Apareceu neste contexto a negação da existência de Deus ou, no mínimo, sua relação com o mundo era vista como antagônica com a nova ordem da ciência. No século XXI predomina a intervenção tecnológica e as novas relações econômicas. A novidade, em larga escala e que aparece de forma constante, gera um tempo de grande complexidade, incerteza e instabilidade. A pessoa cristã sente-se como que cindida, entre a visão de mundo que ela expressa em seu comportamento religioso e o discurso técnico científico do qual ela participa com diferentes graus de compreensão e compromisso. Mas sempre, em última análise, postula-se a total autonomia do saber científico a respeito ao *logos* religioso. Em última instância, a globalização do individualismo, por ser desprovida de relações injustas e fraternas parece selar a perda do sentido da vida.

A busca pelo sentido da vida chama a atenção para a inversão em todas as relações humanas. Desse modo, o ser humano modelado para ver o horizonte da realidade, torna-se encurvado: instaura-se a rebeldia com relação a Deus, dominação com relação a seu irmão/irmã, o desrespeito de si mesmo e escravidão das coisas. Quando se trata da necessidade de ir ao encontro do outro, a obstrução dos canais, mesmo que somente em uma única das relações, afeta a globalidade das relações humanas. L. Boff assinala qual deve ser a globalização.

O que deve, fundamentalmente, ser mais globalizado é a solidariedade para com todos os seres, a partir dos mais afetados; a valorização ardente da vida, em todas as suas formas; a participação como resposta ao chamado de cada ser humano e à dinâmica mesma do universo; a veneração para com a natureza da qual somos parte, e a parte responsável (idem, p. 86).

A positividade e o *elã* constituem a existência da vida. Esta assertiva é verdadeira sempre, precisamente porque Deus é a própria vida, cria a vida por amor. A vida tem caráter da busca pelo mais, melhor e eterno, aliado a um *elã* criativo e ascendente. Ser de buscas, o ser humano não se contenta com a realidade dada. Seu modo de existência já é indício de que sua direção é o infinito. A palavra existência possibilita extrair a realidade originária e fundante do ser humano que constitui o ser e o impulsiona para além de si mesmo. “‘Exis-tência’. A palavra quer dizer: vivemos para ‘fora’ (ex), somos seres de abertura em todas as direções. Somos um nó de relação conosco mesmo, com os outros, com a sociedade, com a natureza, com o universo e com Deus” (idem, 2009, p. 14. Grifo do próprio autor).



Falar de relação é falar da vida. A vida não é matéria para mero usufruto da razão. Não é mero instrumental para as ciências empíricas. Igualmente, não se restringe a uma força que se manifesta ligada ao sopro e ao sangue. Ela é tudo isso, mas não se restringe a isso. Ora, justamente o acolhimento desta abertura aos horizontes a se construir torna admissível que a vida necessite e se realize mediada por relações com as pessoas, com o mundo, com Deus. Seria o mesmo que dizer através da poesia “Homem algum é uma ILHA, um ser inteiro em si mesmo. Cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra... a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano”.<sup>5</sup>

A vida, em seu sentido mais verdadeiro tendo as relações como chave de integração, deverá mais ser pensada pelo horizonte do existente processo complexo, isto é, a existência como relações e conexões em todas as direções. É preciso buscar uma compreensão da vida em unidualidade, assegura E. Morin. Trata-se de pensar a complexidade humana em inclusão com o físico, biológico, antropológico, sociopolítico, em formas inclusivas e complexas a um só tempo, enquanto que o saber fragmentado provoca a cegueira no que diz respeito às inter-relações. À custa de só saber separar, o pensar dita as normas reduzindo a compreensão do todo e das partes a fragmentos desconectados, perde de vista que o todo está na parte, que está no todo, prevalece a insensibilidade ao paradoxo inseparável do pensar o uno e o múltiplo. A vida em seu sentido tem a ver com as relações de tudo com tudo, em todas as dimensões. Pertence a todos os seres, tanto os vivos como os inertes, os naturais e os culturais, em interação entre si e com o seu meio.

Com a consciência da complexidade da vida e com o avanço das ciências de computação quer-se chamar a atenção para a necessidade de uma nova consciência que se construa em um horizonte que além de abarcar o particular e o individual, ao mesmo tempo, contemple as relações e o sentido da existência. Trata-se de uma visão holística que integre e considere a interdependência entre as situações de pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos e crise espiritual e também as questões de ordem política, educacional e urbanística.

A ética do cuidado surge como um modo de agir, uma atitude de preocupação e de envolvimento afetivo nas relações. O cuidado é quem modelou o ser humano, e deu-lhe existência. A composição espírito-corpo é descrição posterior à sua concepção. Por isso, “o cuidado faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial, e conectado com tudo e com todos no universo” (idem, 1999, p. 190). O modo de ser cuidado só se aplica quando se transforma em situações existenciais, ou seja, quando não se encerra em belos programas e leis aprovadas ou protocolo de intenções.

---

<sup>5</sup> POETRY FOUNDATION. John Donne. *Biography*. Disponível em: <<http://www.poetryfoundation.org/bio/john-donne>>. Acesso em 26 jun. 2014.

A própria ideia de subjetividade se transforma. O sujeito deixa de ser interventor e passa a ser sujeito de relações. Inicia-se a compreensão da consciência de que o planeta Terra e o cosmos por sustentarem a vida, são expressão de Deus presente na história. “Supera-se o reducionismo antropocêntrico que qualificava tudo o que não se referia ao humano como secundário. Admite-se apenas certa dignidade às coisas e seres que poderiam ser utilizados e manipulados pelo ser humano” (BAPTISTA, 2007, p. 219).

Frente ao paradigma de dominação, antropocêntrico e dualista, responsável pela desintegração da vida e ditador de sentido da vida que se deixa conduzir pela ideia de progresso e avanço ilimitado, contrapõe-se o paradigma do cuidado. O cuidado está presente na gênese do cosmos (cosmogênese) e na gênese do ser humano (biogênese). Nem o cosmo nem o ser humano são perfeitos e acabados, mas encontram-se em processo permanente e aberto de nascimento. Nós, os seres vivos, estamos todos em gênese, abertos para o futuro. O cuidado revela a atitude de respeito com toda a vida — planeta, nicho ecológico, sociedade, com os outros humanos, particularmente os pobres, com nosso corpo, alma, espírito e com a grande travessia: a morte. O cuidado desvela-se em afeto para com o outro e instaura uma lógica das relações humanas.

Jesus, o ser de cuidado, revela em suas atitudes o Deus-cuidado. Une o universal ao particular, une à existência a permanente criação por Deus. Integra dentro de si a dimensão feminina que o tornava sensível à exclusão em que viviam as mulheres. Contempla a mulher como criadora do Reino e com ela descobre o mistério do Reino.<sup>6</sup> Em um de seus encontros, no meio da multidão, Jesus experimenta um toque diferente, curativo, que sai de dentro de si mesmo. Surpreso, busca um encontro direto com a mulher e ensina que o Reino só pode ser vivenciado no contato pessoal (Lc 8,46). O Deus-cuidado revela em Jesus que em meio aos superlativos linguísticos para descrever uma realidade, como por exemplo, os prefixos que indicam superioridade, super, extra, ultra, mega, hiper e arqui, à multidão Ele chama a atenção para a vida que clama e emerge na história concreta e cotidiana do mundo.

As criaturas estão em gênese, na história. Deus emerge de dentro dessa experiência cosmológica como o Futuro absoluto do mundo, a Terra da promessa para o coração humano. Deus não é só o transcendente, como afirma o deísmo, nem só o imanente, como afirma o panteísmo. Da mesma maneira quer-se dizer, Deus emerge não fora do processo cosmogênico,

---

<sup>6</sup> Inspirado no livro, o rosto feminino do Reino do Padre Benjamin, jesuíta espanhol que descreve como Jesus contempla a mulher. Diferente da ideia que dela escutava de ser inferior ao homem, Jesus criava, então, a partir desta contemplação uma linguagem para falar de Deus. Dessa experiência relacional, a mulher foi se libertando da opressão, os homens das leis da morte e Jesus encontrando o rosto feminino do Deus cuidado Pai-Mãe que continua sua criação na história (GONZÁLEZ, 2007, p. 21-27).

mas manifesta-se no interior desse processo. Este Mistério inefável em Deus pode ser compreendido

Como Paixão infinita de comunicação e expansão, pois o universo é cheio de movimento em equilíbrio, criando o tempo, o espaço e todos os seres na medida em que se dilata indefinidamente. Deus irrompe como Espírito que perpassa o todo e cada parte, porquanto tudo é sutilmente interdependente e apresenta uma ordem que continuamente se cria a partir da desordem inicial e que se abre para formas cada vez mais abertas e superiores de relação (BOFF, 2002, p. 54-55).

Vale recordar uma afirmação de Teilhard de Chardin, citada por L. Boff, como enriquecedora da intuição fundamental da harmonização com o todo da vida: “O meu interesse real na vida é mover-me irresistivelmente para uma mais e mais intensa concentração sobre a questão básica das relações entre Cristo e a hominização. Isso tornou-se para mim uma questão de *to be or not to be*” (idem, 1971, p. 17). Apreende-se que para Teilhard de Chardin, Deus está continuamente envolvido com o processo cósmico, quer como seu Criador, quer como seu Salvador, sem, no entanto, interferir nas leis naturais. Antes respeita sua autonomia, bem como a liberdade do ser humano. A transição de época exige sair da dicotomia entre Deus e o mundo de outrora, para, agora, reconhecer a presença de Deus no mundo e o mundo em nós. Nesta dinâmica, o universo é visto como um nó de relações, onde tudo tem a ver com tudo, sendo a Trindade o protótipo das relações. Moltmann explicita que “uma vez que o Espírito atua, vive e move em todas as criaturas por meio de suas energias, Deus está presente em sua criação e esta existe nele” (MOLTMANN, 2014, p. 31). A criação do mundo é ato de inventiva criatividade na vida da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Como ser de relação, o ser humano não possui em si a totalidade da vida. Ele “é parte e parcela da natureza e entretém com ela uma sofisticada rede de relações, fazendo com que ele co-pilote o processo de evolução junto com as forças diretivas da Terra” (BOFF, 1999, p. 114). O cosmos e o ser humano, tudo está em evolução, em processo de nascimento, em movimento simbiótico de relação em todas as direções. O universo se encontra em cosmogênese, os seres humanos em processo de antropogênese. É o grito da vida que quer viver, é a rejeição do fatalismo, que afirma que vivemos para morrer.

Esta visão da vida em processo de gênese está em referência aos estudos com relação com a origem da vida na Terra. A cosmogênese e a antropogênese seriam a condição originária da evolução. O universo em evolução compreende a vida como uma realidade aberta, com interações criativas e integradoras, com propósito inclusivo de todos os seres. O tema da evolução cosmológica, incluída a evolução da vida, faz parte do labor humano de encontrar uma explicação científica para o acontecimento inusitado e bastante improvável do surgimento da vida.

A evolução, tal como descrita na cosmologia científica, por si só, não permite falar em transcendência. Por outro lado, quando já se tem o discurso da transcendência, pode-se perfeitamente ver, na evolução, um índice físico deste caminhar de todo ser para ser mais que si mesmo. De fato, nem a menor das partículas da matéria é encerrada em si mesma, mas antes é, ainda que minimamente, aberta a interagir com outra porção de matéria. Realmente, nem sequer aquelas porções da matéria que são classificadas de inertes, como por exemplo, os gases inertes da química não escapam à lei do atrito, da gravidade, etc. O fato de o mundo não ser um mundo fechado em seus componentes, mas que os componentes do mundo estão justamente abertos a compor o mundo faz Lee Smolin levantar uma questão interessante.

Há alguma razão para que não pudéssemos conceber o mundo, como sendo feito como uma rede de relações, das quais nossas aparências são exemplos verdadeiros em vez de um mundo feito de algo imaginado como coisas absolutamente existentes, das quais nossas aparências seriam meras sombras? Por que existiria algo como “coisa em si”, para além dos efeitos que todas as coisas produzem umas sobre as outras? [...]. Talvez em princípio a seleção natural e a auto-organização ou dinâmica aleatória possam explicar porque os parâmetros do modelo padrão vieram a ser aquilo que são, mas justamente porque a biologia exige a presença de moléculas em cuja combinação os princípios de auto-organização e seleção natural podem agir, a física não exige ainda alguma substância fundamental sobre as quais as leis possam agir? O mundo não deve consistir de alguma coisa para além da organização e das relações? (SMOLIN, 1997, p. 197).

Há um círculo, que não se fecha, entre o pressuposto da existência relacional do ser humano, e, efetivamente, uma liberdade intrínseca de ampliação ou fechamento desse círculo. Consciente da complexa realidade da vida e seus mecanismos não determinísticos, Lee Smolin abre espaço para o Transcendente.

Não sei a resposta a estas questões. Elas pertencem à classe das questões realmente difíceis, tal como o problema da consciência ou o problema de por que existe no mundo algo chamado “coisa”, em vez de nada. Ao fim e ao cabo, por que o mundo foi chamado ao ser? Não vejo realmente como a ciência, por mais que ela progrida, possa levar-nos a uma compreensão destas questões e talvez sobre um lugar para o misticismo (idem, p. 197-198).

Torna-se crucial abrir espaço para a perspectiva dos outros em particular, dos outros nós, e do grande Outro, Deus. É essencial verificar se o ser humano, nós mesmos, somos realmente capazes de reconhecer a radical legitimidade da presença desses nós outros, toda a criação e o Criador na busca pelo sentido da vida. Ou, a existência poderá eclipsar-se. Na esteira teológica como aporte para o sentido da vida humana, L. Boff afirma que existência é o movimento de saída de si mesmo para relacionar com um outro o que constitui o ser pessoa humana.



O centro da personalidade é formado e constituído por uma contínua doação de si. É saindo de si que fica em si. É dando que se recebe o ser pessoal. Pessoa, nesse sentido, é um permanente criar-se a partir de uma relação. A capacidade de auto transcender-se (sair de si) é o específico da pessoa (BOFF, 1976, p. 56).

As relações vão criando realidades concretas, verdadeiras histórias, fruto das interações com todo ser vivo. Por isso, a vida é interativa e possui interioridade. Estar vivo implica existir em interatividade com as pessoas, o mundo e com Deus. Este modo de compreender a vida propicia a consciência de que cada ser vivo é uma parcela importante de suas relações. Para Ricoeur, a identidade mais autêntica advém do reconhecimento mútuo. É ela que nos faz ser o que somos e que solicita ser reconhecida. Nesta dinâmica, o interesse pelo outro faz o movimento de saída do reconhecimento de si, do ensimesmamento, para conhecer o outro e ingressar nas relações recíprocas (RICOEUR, 2006, p. 17-28). A existência humana é construída de movimentos de reciprocidade.

Todos estamos enredados num jogo de *inter-retro-relacionamentos*, em cadeia, pelo qual vamos construindo, com o desenrolar do tempo, nosso ser. Neste jogo tudo tem a ver com tudo, em todos os pontos, em todos os tempos e em todas as circunstâncias. Existir e viver é inter-existir e com-viver. Numa palavra, é relacionar-se (BOFF, 1998, p. 48).

A vida é um constante movimento em todas as direções. Ela é inter-relação, isto é, relação de dentro, do mais interior, mais íntimo, do mais profundo. É retro-relação, isto é, relação com o tempo precedente. E, é relacionar-se, isto é, relação de reflexividade ou reciprocidade. Portanto, a vida é um inter-retro-relacionar-se.

## ***2 A história humana como convocação a uma compreensão inclusiva da vida***

É humano reconhecer que a pessoa é um elo da corrente única da vida. O ser humano é portador de uma história que lhe permite ser sujeito, estruturado ao redor da busca, do desejo, do encontro, da realização. Envolvido pelo Espírito, ele vive aquele momento da consciência pelo qual se sente parte de um todo, que o faz sempre aberto ao outro e ao Mistério, capaz de criar e captar significados e valores e se indagar sobre o sentido último de todo ser humano: Deus. Tudo começa com o ato criador de Deus e se prolonga com a total e generosa abertura da pessoa. Por outro lado, a negação da relação ou a busca de relação em uma única direção, pode ser a morte de sua humanização.

O ser humano carrega em si o dom de transformar suas experiências num ato de acolhida e afirmação do universo, ato de abertura à alteridade. Ou,

pode negar tudo isto e viver um projeto de rebelião contra o universo, desenvolvendo atos de fechamento em si. A grandeza da humanidade nada tem a ver com quantidade, mas com a qualidade de relações que brotam uma nova criação. Enquanto o fechar-se à luz do sentido da vida resulta na frustração, a pessoa que busca abertura em todas suas relações e dimensões prossegue para sua plena realização.

A história humana está a escrever uma nova orientação teológica. A época pós-moderna, beneficiada ou confusa, está inserida num contexto amplo das ciências e aplicação de inovadoras tecnologias que configuram o quotidiano, globalizando-o. Surge um tipo de sensibilidade global, consciente dos limites e enganos do crescimento, denunciadora das consequências perversas da razão instrumentalizada, a qual explora a natureza abusivamente, produz armas atômicas, químicas e biológicas de destruição em massa, ao lado do discurso de proteção e soberania e, inconformada com uma organização social, injusta e excludente.

Esta época configura-se também numa mudança das questões prementes para o ser humano. Anteriormente, as questões eram de cunho mais filosófico humanista: de onde viemos? Para onde vamos? Que podemos saber? E assustados com o moderno conhecimento capaz de destruir a vida, perguntava-se: Que podemos esperar? Hoje, para este autor, em face da crise ecológica, a questão premente e a escrever em todas as folhas da agenda é: como devemos viver? (2005, p. 19). Avulta, neste momento, uma teologia que não se relaciona primeiramente com diferentes realidades, mas quer elaborar conceitos de perspectiva, sempre relacionados ao todo da realidade. Acima de tudo, concepções teológicas que servem à medida que ajudam o ser humano a viver como um ser de relações.

A teologia cristã diz-nos que Deus revela-se como um ser de relações, de tal forma que, quando uma das hipóstases está em evidência, as outras duas estão à sua volta, de mãos dadas com ela, solidárias. A afirmação do universo como nó de relações, encontra sua origem na inter-relação absoluta de três divinas Pessoas. Nomeada como Trindade, o Deus dos cristãos constitui entrelaçamento eterno, para dentro e para fora de si. A pericórese, como comunidade trinitária, oferece o padrão para pensar a comunidade, ao expressar Deus em seu caráter comunitário, singular e relacional de ser Deus-Amor. Somente uma civilização baseada na igualdade, na participação e na solidariedade integrada com a natureza tem um caráter de preservação do mundo em termos de ecologia sustentável. Tanto a pobreza como a riqueza destroem a ecologia sustentável: as pessoas pobres por necessidade e as ricas por consumo.

Em Jesus, o rosto visível de Deus, a pessoa que crê experimenta que Deus não se reduz a uma teoria, mas é uma Presença, que se oferece desde suas origens a sua consciência de ser Seu povo, que o transforma interiormente e faculta a afinação de sua vida de abertura e compromisso com os outros.

A fé inspira uma vida sempre compreendida de maneira nova, abraçada de humanidade e amor.

A Sagrada Escritura possui um papel fundante e fundamental na vida cristã. A experiência espiritual do povo descerra uma experiência de fé na qual homem e mulher são testemunhas da interpelação da Palavra criadora e salvadora de Deus. Já no judaísmo, a Palavra de Deus é elemento constitutivo para a orientação e organização da vida. Numa peculiar continuidade desta experiência, para a fé cristã, a Sagrada Escritura é lida não simplesmente como um documento histórico, mas é, sobretudo, memória viva e misteriosa da presença de um Deus que se quer comunicar também pela sua Palavra. Conforme se lê “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1,1-2). Em Jesus Cristo, a Palavra em que Deus conhece todas as coisas, assume a história humana, torna-se Evangelho, para chamar a pessoa à vida em plenitude.

Com Jesus, completa-se a revelação começada no Antigo Testamento. O modo de falar de Deus no Novo Testamento sofre uma mudança no sentido formal. Ela apresenta maior complexidade e diversidade de tons. De múltiplos intermediários, concentra-se agora em Jesus Cristo, que é, ao mesmo tempo, seu autor e seu objeto. Agora o referencial único é Jesus Cristo. Ele é a real presença de Deus, na criação e na história, permanecendo a presença absoluta de Deus sobre a história (MOLTMANN, 1993, p. 17-64). Os gestos de Jesus revelam o solícito amor criador de Deus. Ora, sem a Palavra revelação na história humana, a Palavra que se faz carne humana em Jesus, poder-se ia dizer que o criador está no céu e as criaturas na terra. O Deus experimentado e proclamado pela fé cristã atesta que o mundo não só é criado por Deus, mas é lugar de sua autocomunicação, portanto é no mundo que Ele se encontra.

Karl Rahner explicita a presença do Deus criador em Jesus na linguagem do Infinito que adentra no finito, por isto o próprio finito ganha profundidade infinita. “O próprio Infinito se tornou, o lugar onde ele se expressa como a pergunta a que ele próprio responde, a fim de abrir-se para todo o finito, dentro do qual se tornou parcela” (RAHNER, 1989, p. 269-270). No dizer de Moltmann, “o Deus transcendente e o Deus imanente no mundo são um só Deus” (MOLTMANN, 1992, p. 34). Toda a criação significa um desdobramento da vida Trinitária pela graça, como dito antes. Nela, a humanidade é convidada a participar desta comunhão. L. Boff afirma a transparência como categoria que melhor sintetiza a convivência do infinito com o finito, a transcendência e a imanência, a divindade e a humanidade em Deus. É uma terceira categoria que não exclui, mas integra. “Transparência é o termo que traduz a inter-retro-relação da imanência com a transcendência. A transparência é transcendência dentro da imanência e imanência dentro da transcendência” (BOFF, 1997, p. 172). Por esta categoria,

mundo e Deus estão intrinsecamente unidos, sem dualismo. O mundo é transformado, pois transparece a transcendência. Destarte, o mundo não remete simplesmente à própria dinâmica ou imanência. O mundo é Bom, pois “é o lugar e a própria manifestação emergente daquilo que é mais do que mundo, i.é: do Trans-cendente, de Deus” (idem, 2012, p. 24).

Pela Encarnação do Filho, Deus não está fora do mundo. Ao contrário, ele escolhe a história humana como sua habitação. O mundo é o lugar de Deus. “Se o próprio Deus criador habita na sua criação, então ele faz dela o seu lugar de se sentir em casa *assim na terra como no céu*” (MOLTMANN, 1992, p. 22. Grifo do próprio autor). O projeto criador de Deus é inclusivo com relação a todas as criaturas. Encarnação significa, primeiramente, que “Deus estabeleceu morada entre nós, veio até a sua própria terra” (GUTIERREZ, 1990, p. 115) afirma Gutiérrez. Deus cria o mundo e faz dele sua morada. Permanecendo embora na Trindade, Jesus não é estranho à história humana. Isto releva substancialmente o ser humano, principalmente os que estão à margem. Na verdade, para Deus não há margem limite. Ele está em toda parte. Logo se na história há margens e marginalizados é porque a história tem elementos que não advêm de Deus. Não há espaço ou tempo que possa reter sua presença, nem mesmo a morte.

Numa religião cósmica, não há espaço para uma revelação histórica. Nela, Deus se esgota na criação. Há uma circularidade perfeita entre Deus e o mundo, de tal forma que o mundo é Deus, e Deus é o mundo. Esta é a visão do panteísmo segundo o qual Deus é a unidade do mundo; tudo é Deus e Deus e o mundo são apenas um, sem distinção real. O pressuposto básico da fé cristã para uma revelação histórica de Deus é a compreensão de seu Ser como consciência e liberdade. Deus pode revelar-se para além da sua criação, gratuitamente, permanecendo Deus.

Por outro lado, os deístas afirmam um Deus tão perfeito na sua criação que se torna desnecessária a Revelação. Esta foi a posição, por exemplo, dos estudiosos de física clássica, dos séculos XVIII e XIX que compararam a criação do universo a um grande relógio, donde haveria a necessidade de um relojoeiro para intervir ocasionalmente de modo a preservar eternamente o funcionamento do relógio cósmico. “Então talvez não fosse exagerado sugerir que a imagem do universo como um relógio mecânico, para muitos daqueles que vieram depois de Newton, era uma ideia religiosa” (SMOLIN, 1997, p. 141-142).

A ideia de um universo mantido em movimento pela ação de uma inteligência divina é um elemento da crise pós-moderna? A ideia de um deus alheio ao mundo ou que só se apresenta após certos intervalos de tempo para pequenas correções de curso termina por decretar que Deus é totalmente dispensável, à medida que a física e a cosmologia desenvolvem seus conteúdos. Sendo deus uma hipótese dispensável, como Laplace



teria dito, o universo ficará à mercê da singularidade dos fatos. Essa seria uma radicalização da visão dualista e fragmentadora da vida a qual opõe espírito e corpo, eterno e perecível, vida e morte, céu e terra, endógeno e exógeno. Há assim uma extensa lista de dicotomias, que também inclui feminino e masculino, sagrado e profano. Este tipo de visão que imprime na vida um lado de negatividade e frustração de início impede a integração das diversas dimensões, terminando por simplesmente negar uma delas. Triunfa a racionalidade empírico-matemática e a dramática experiência do não-sentido ou a produção da aparência do sentido. Em síntese, a mundivisão moderna e pós-moderna negam a diversidade, atêm-se um monismo rígido, de caráter imanente, ocasionando uma mudança na orientação do sentido, uma crise que fragmenta a vida. Sem a respiração vertical da dimensão espiritual, o ser humano sente-se sufocado e por isso grita pela experiência do sentido da vida.

Em seu ato criador, Deus não se divide para que uma parte de si mesmo pudesse fazer o mundo. Deus permanece Deus e o mundo pela sua Palavra é chamado à existência. Como Palavra, chama os seres do nada à existência, e se manifesta através de sua existência. Sem matéria precedente, Deus dá origem ao mundo criado. A Encarnação do Verbo de Deus atesta que Deus não é simplesmente 'fora do mundo', não é um 'fazedor' de mundos, indiferente a sua destinação. O amor que o leva a criar o mundo faz também que suas criaturas não vivam fora dele. Deus escolhe e vive na história humana. A Encarnação manifesta o Deus cristão que vem *da* periferia, *para* a relacionalidade histórica humana e *na* participação Trinitária.

A fé cristã acredita na vida que constantemente gera e descobre novidades, isto é justamente a derrota da inércia, do eterno retorno. A entrada da liberdade divina bem como seu diálogo com a liberdade humana na história garante a permanente abertura da história à novidade criadora de Deus. Ela é, sobretudo, o evento da eterna jovialidade divina que por amor cria a vida, faz-se história, humilha-se e vai até o fim.

O evento da ressurreição insere-se na Encarnação do Filho de Deus. Paulo está convencido ao afirmar a ressurreição de Jesus, experiência que permanece imutável em seus escritos. "Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé" (1Cor 15,14). Desde então, toda a história pode ser vista à luz do Ressuscitado. A ressurreição de Cristo está sempre vinculada ao processo histórico-salvífico. Ela é a esperança real para toda pessoa que crê. Esta esperança escatológica remete de um lado para o além da história, por outro, conduz para uma postura de justiça, amor e vida, tudo isto conferindo sentido para o ser humano. Acontece na história da humanidade e culmina na plena realização do Reino de Deus. A ressurreição de Jesus assegura afirmar que a morte não é a última palavra. A palavra última é a vida integrada, feliz, em todas as direções. Assim o destaca o início de cada um dos Testamentos da Sagrada Escri-

tura. A criação da vida por Deus, “no princípio” (Gn 1,1ss), é confirmada na vinda do Filho “Alegra-te” (Lc 1,28).

O reverso seria a posição niilista de não ver sentido, nem nos eventos temporais, nem nas relações do ser. A esta posição levanta-se a questão: o niilismo justifica-se, impõem-se racionalmente? Não representa ele antes um desarvorar-se diante do sentido proclamado e não vivido? Ora, diante deste quadro, por que proclamar o não sentido, por que antes não o viver?

A fé cristã de nada exige um salto no vazio. Isso corresponderia a uma doutrina que desprezasse a razão para pregar a existência da fé, do tipo *credo quia absurdum*. Tratar do sentido da vida na existência humana remete sempre à gratuidade e não ao absurdo. Por isso, desenvolvem-se expectativas soteriológicas, de um Deus que resgata, ao passo que rechaça toda doutrina teológica que corresponde a um fideísmo, de um deus que deixa acontecer. A fé cristã é fé em uma Palavra que, gratuitamente, se oferece ao indivíduo em um discurso articulado e com sentido, que convida a entrar em uma Aliança de vida, e apresenta livre assentimento ou sua rejeição. Contudo, o convite é incisivo “Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência” (Dt 30,19).

Nesta perspectiva, a partir da esperança cristã os conhecimentos científicos na pós-modernidade impelem a reconhecer que a emergência da vida humana está ligada ao nascimento e ao desenvolvimento do universo. As realidades do cosmos e da consciência já não podem mais ser expressas de maneira dualista. A ressurreição de Cristo é o reconhecimento da sua pré-existência como Filho de Deus, como também um acontecimento terrestre e cósmico. Cristo é, a um tempo, aquele por quem todas as coisas foram feitas, sem o qual nada do que foi feito se fez, portanto é ele quem preside o curso da evolução, e aquele em quem, por ser o mais perfeito humano, todo o processo de criação e evolução atingem seu ápice (HAUGHT, 2009, p. 61-65). A ressurreição engloba a dimensão histórica e cósmica. Desde o primeiro ato criador da vida e a promessa de sua eternidade, insere-se a Palavra-ação da Trindade presente na história. Palavra ao mesmo tempo promessa e criação. Afirma o futuro e o realiza. Novidade sempre nova.

## Conclusão

A convocação a uma teologia relacional evolutiva da vida teve como ponto de partida o ser humano em seu impulso pela busca de sentido. O homem e a mulher vivem sua humanidade carregada do desejo infinito do bem experienciado em relações éticas e significativas. No sujeito humano encontra-se, pois, uma busca pela Vida. Esta busca em seu concretizar-se, no dia a dia, está também prenhe de espera, de planejamento e projetos

para o futuro. Nesta perspectiva, o ser humano é projeção para um sempre mais, para a surpresa, para o que está fora de sua pré-visão, para o ainda-não. Isso indica que ele não possui o centro em si mesmo, mas o tem dentro de si: Deus. Em suma, o ser humano que sempre vive em relação, que, portanto, é relativo, é também relacional, só enquanto tal se entende. E, na medida em que busca o outro polo desta relação, ele caminha para o absoluto. Afirmar a vida pela categoria da relação não minimiza sua amplitude, não retira sua densidade ontológica. Pelo contrário, afirma-se justamente o seu 'ser em relação'. Esta categoria quer ser elemento de união no processo evolutivo da vida, uma dinâmica na qual o que é dispõe-se a ser mais e, de fato, vem a ser mais.

Há que se falar da vida com sentido, para crescer a consciência da existência do ser humano e do mais humano que ele é chamado a ser. O comprometimento com a vida resulta na experiência que tudo co-existe e inter-existe com Deus e as criaturas. A vida de um não é ato isolado, mas tudo está interligado. Isto é facilmente verificado, mesmo fora do labor do cientista. Basta um gesto ou uma palavra para sentir as vibrações em si mesmo e ao redor de si. Mas para isso, a pessoa deve estar aberta a auscultar e acolher sua constituição humana. É esta constituição mostra-se aberta ao mais, ao que virá. Portanto, resultou ser válido falar da vida em seu sentido, porque em seu interior presencia o absoluto e radical de tudo o que é verdadeiramente humano em Deus. A existência humana fala a partir da consciência de si, mas que não se esgota em si. Antes seu próprio processo de existir e caminhada coloca-se na direção de uma presença que a habita.

## Referências

- BAPTISTA, P. A. N. *Libertação e diálogo: a articulação entre teologia da libertação e teologia do pluralismo religioso em Leonardo Boff*. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Portugal: Edições 70, 2007.
- BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Ética da vida*. Rio de Janeiro, Sextante, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Experimental Deus: a transparência de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- \_\_\_\_\_. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana*. Petrópolis: Vozes, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho do Cristo cósmico: a realidade de um mito. O mito de uma realidade*. Petrópolis: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOLCH GOMES, C. *Antologia dos santos padres: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos*. São Paulo: Paulinas, 1979.

GARCÍA RUBIO, A. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. A teologia da criação desafiada pela visão evolucionista da vida e do cosmo. In: GARCÍA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (Orgs.). *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulinas, 2012. p.15-54.

GONZÁLEZ BUELTA, B. *O rosto feminino do reino: rezando com Jesus e as mulheres*. Juiz de Fora: Subiaco, 2007.

GUTIERREZ, G. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HÄRING, H. A Teologia da Evolução como Megateoria do Pensamento ocidental. *Concilium*, Petrópolis, v. 1, n. 284, p. 7-10, 2000.

HAUGHT, J. F. *Cristianismo e ciência: para uma teologia da natureza*. São Paulo: Paulinas, 2009.

LIBANIO, J. B. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1992.

MOLTMANN, J. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.

MORIN, E. La relation anthropo-bio-cosmique. In: JACOB, Andre (Dir). *L'Univers Philosophique*. Paris: Presses Universitaires de Frances, 1989.

POETRY FOUNDATION. John Donne. *Biography*, 1623. Disponível em: <<http://www.poetryfoundation.org/bio/john-donne>>. Acesso em 26 jun. 2014.

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RICOEUR, P. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

SMOLIN, L. *The life of the cosmos*. New York: Oxford University Press, 1997.



**Rita de Cássia Rosada Lemos** é doutora em teologia sistemática (2016 – PUCRio), mestre em teologia sistemática (2011 – PUCRio). Publicações mais recentes: *A ética do Reino: uma leitura a partir da obra O Deus da Vida de Gustavo Gutiérrez*. In: AMERÍNDIA (Org.). *Iglesia que camina con Espíritu y desde los pobres*. Montevideo, Amerindia, v. 2, 2017. *A Emergência de uma Nova Consciência de Paz e de Conflito*. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 26, n. 4, p. 516-519, out./dez. 2016.

**Endereço:** Rua Nossa Senhora do Cenáculo, 105  
Parque Monte Alegre  
06756-140 Taboão da Serra – SP  
ritalemos3@yahoo.com.br